

8º CONCURSO FNLIJ/INBRAPI TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS – 2011

VENCEDOR

OLHO D'ÁGUA – O CAMINHO DOS SONHOS

Autor: Ronivaldo Mendes da Silva / Povo Maraguá

Boa Vista do Ramos – AM

Todos ser, pessoas ou animais nascem com o livre arbítrio de ir onde quiser.
Não importando o que hão de fazer.
Somos seres, criados livres.
Livres para correr, para voar, para sorrir!
Pois nem o sol e nem a lua interferem na comunicação entre os seres.
E que essa liberdade não seja para destruir vidas ao nosso redor ou no planeta em que vivemos.
Que cada filho dê o devido respeito à mãe terra.
E a cada ser que nela habite.
Que se respeite a vida.

Parte I

Olho d'água

Época de primavera, no horizonte o sol caminha dando adeus para mais um dia!

No cair da tarde um velho índio viajando em seus pensamentos observa lá em baixo perto do rio, hoje são dois os olhos d'água que iluminados pelos últimos raios de sol refletem um raio de luz em direção ao norte. Seu nome Waykãna.

Quando ergue a cabeça e firma o olhar no horizonte as árvores da outra margem do rio já escondem aquele que até alguns segundos atrás tinha tido por companheiro durante o dia todo.

Waykãna tem andado tristonho nos últimos dias, lembrando de que muitas luas atrás, havia sido cravado a flecha da dor em seu coração, quando se viu em meio a uma invasão no lugar onde mora.

Conversando com os seres invisíveis de sua floresta interior lembra dos tempos em que podia correr de um lado a outro estufando no peito o amigo vento.

Hoje não pode mais. Em nome do progresso vieram os krawaióas com suas idéias e máquinas cortando as árvores abrindo campos, represando as águas construindo suas cercas como que querendo ficar isolado. Como se eles fossem donos da teia da vida.

Vieram os garimpos, o inferno de muitos pelo paraíso de poucos.

Os animais fugiram os pássaros voaram pra longe o clima mudou.

Novas culturas surgiram, mais o respeito desapareceu.

Pela manhã as gigantes árvores centenárias estão de pé. À tarde milhares delas estão no chão sem vidas.

Máquinas e fogo lhes dão um destino sem volta.

No lugar da floresta, novas plantações o clima também mudou, o ar ficou poluído e tudo o que restou foi fumaça.

Para o índio que sempre viveu ali, não há, mas onde morar e não há terra pra plantar.

Na alma um pensamento:

Nossa terra esta queimando e em pó e cinzas se tornando.

Para o krawaióa plantar significa destruir para ter poder, para os índios plantar nada mais é do que dar e receber.

Dando seu conhecimento a mãe terra, ela lhes dá tudo que necessitam.

Na época dos plantios, o pajé ia até a mata e pedia a permissão para se plantar.

Ouvindo os espíritos que a protegem podiam fazer seus plantios.

E assim tinha-se as melhores colheitas para alimentação de todo povo.

Parte II

Tempos de paz

Há muitas luas atrás o povo Maraguá estava em festas, todos na aldeia comemoravam a grande fartura na agricultura e na pesca.

Fogueiras acesas ao longo do terreiro que se abria a margem do rio Ypixuna serviam de forno onde curumins e cunhãtães com espetos nas mãos assavam, curimatã, tambaqui, tucunaré, e não faltavam milhos, batatas, macaxeira, e uruá que as cunhãtães tinham pego nas gareyras.

Enquanto os adultos sentados em círculos bebiam tarhubhá na cuia

Uma bebida que havia sido enterrada dentro de cabaças, trinta dias antes das festas agora estava forte e agradável ao paladar.

Todos procuravam contar seus feitos do dia.

Mas quando Kuruamá pó, o mais velho sábio falava todos ficavam em silêncio para ouvir.

Dizia ele:

- Nosso saber vem de dentro, vem do coração vem da alma.

- Quando falamos devemos usar as palavras como magia e não como uma cortina de areia, que é áspera e não tem sentido algum.

- O mundo pode nos ver de uma forma diferente se quisermos.

- O velho pajé de vez em quando pitava seu enorme cachimbo de inajá, por alguns momentos ficava em absoluto silêncio, esse gesto era uma das grandes lições que ele nos passava.

Mais o semblante calmo mostrava-se preocupado, à noite ouvia gritos dos espíritos, ruídos incompreensíveis, vindos da floresta, mais não sabia ainda seus significados.

No grande barracão as mulheres preparavam o pirão com pimenta e ervas para por na imensa mesa que havia para o banquete, sobre a mesa folhas de bananeiras abrigavam gostosos beijus, e enormes peixes assados enquanto trabalhavam não paravam de cantar.

Elas cantavam uma música que era uma verdadeira

poesia

- desejo-te um bom dia a vida inteira.

- desejo-lhe um bom dia agora para amanhã.

- tenha sempre tudo de bom.

- pelo bem da vida viva sorrindo.

- você não tem que ir.

- peça-me uma boa noite.

- E tenha o dia eternamente, seja feliz eternamente.

- você não tem que ir.

- o hoje é agora.
- o dia é ávida
- você é especial, você é tudo de bom.
- pois com você o escuro não há.

O céu estrelado também participa da festa, de vez em quando uma estrela não se conformando em só olhar a festa lá de cima, decide descer e sentir a alegria que o povo Maraguá desfruta.

Vindo por de trás das grandes árvores de cedro que há ao redor da aldeia elas vem iluminar de perto toda aquela alegria.

Na aldeia toda iluminada por fogueiras e estrelas no momento em que as cunhãporangas faziam a grande dança do Yãpaiguê, animando e convidando seu escolhido para fazer parte do ritual da beleza.

Todos os solteiros seguem batendo palmas e torcem para serem agraciados por uma das estrelas mulheres que dançam os guerreiros casados não podem bater palmas.

Para não serem confundidos, até que o último solteiro seja escolhido, só então é que eles entram no ritual.

Na festa todos seguem animados, cantam e dançam felizes da vida, agora cada rapaz com o seu pega moça satisfeito agradece a Moñag o deus da sabedoria pela linda festa que lhes deu, lá pela madrugada quando a lua repousa os tambores também cessam e todos vão dormir.

A noite calma e serena traz paz e tranquilidade a todos do povo.

Logo um novo dia virá e a cada amanhecer um novo ser se renova em cada um de nós.

O clarear é sempre de profunda beleza e os primeiros raios de sol trazem novidades.

Com o cantar dos pássaros ouve-se conversas dos mais velhos que sempre levantam primeiro, comentando sobre a linda noite anterior.

Parte III

Waykãna lembra da época quando começava a seca dos rios e as águas tornavam-se barrentas, quando a turma de meninos tinham que ir buscar água para os potes das cunhãs.

Ele sempre dava um jeito de pegar água para o pote de Yãny, ela é linda observava ele.

E era! Filha de um dos caçadores mais importante do povo, caprichosa nos afazeres.

Os longos cabelos negros deslizavam pelas curvas de seu corpo.

Seus pensamentos o lembravam que ficava horas cavando um buraco no barro que saía nas encostas do rio para que sua amada tivesse água fresca em seu pote de barro par saciar a sede.

Depois de horas cavando faziam uma barragem com galhos de babaçuzeiro aguardavam a água brotar da terra ate que ficasse completamente limpa e só então retirar o precioso líquido.

Ali era o seu ninho de amor, muitas vezes ficava ao lado da amada quando juntos conversavam. Gostava da companhia daquela que seu coração e seu espírito haviam escolhido.

Isso servia de preparação para os jovens.

Como era costume no povo, os casamentos de seis em seis anos, eles aguardavam ansiosos por esse momento.

A preparação que começava na idade dos 12 anos, ou seja, oito luas, após os jovens terem passado por todos os rituais de tradição.

Esse fato se dava logo após o ritual da maior idade.

Em que o menino sai de sua casa e vai morar na casa daquela que ele escolheu como noiva, o mesmo acontece com a menina que sai da casa de sua família e vai morar na casa dos pais do menino, esse é o tempo de uma lua e meia.

Passado esse tempo, vem outra etapa dessa preparação o menino agora passará a morar em uma casa com três homens adultos, sendo um do clã pescador, um do clã agricultor e outro do clã de caçadores.

A menina por sua vez passará a morar com três mulheres adultas que vão lhe ensinar todos os costumes e como tratar seu futuro companheiro.

Também esse tempo é de uma lua e meia.

Logo que se passam essas três luas vem a terceira e última etapa da preparação, onde o menino agora vai morar na Mirixauaruba, a casa do conselho ali ele terá a companhia do mais velho sábio do povo.

É onde ele será confrontado com seu espírito e as forças do universo que o cercam.

A menina passa a morar na casa da anciã mais idosa dentre todas, receberá seu amuleto de proteção e terá de confrontar seu espírito aliado provando ser de coragem para seu clã, conhecerá tudo sobre os segredos das ervas que curam, e as que matam.

Enquanto isso o olho d'água era seu local, mas querido para encontrar-se com Yãny, ali trocavam carinhos, idéias, viviam seu hoje sem as preocupações do amanhã ou as coisas do passado, para eles o que importava era momento.

Waykãna já havia passado pelo Wakaripé o ritual da maior idade, provou sua força quando lutou com um jacaré durante uma pescaria, e com uma onça que havia atacado seu cachorro, uma vez derrubou um boi selvagem que os atacou em um passeio pelos campos.

Muitas coisas boas viveram ali podiam pescar, caçar banhar, viver sem limites ou fronteiras.

Parte IV

O tempo passou as coisas ao redor mudaram muitos se foram outros vieram, agora existem tristezas nos rostos das pessoas.

Não mais se ouve os milhares de cantos dos pássaros que os alegrava.

Vive-se uma vida de incertezas, não se pode prever mais as chuvas ou o sol.

O tempo certo de plantação.

Plantam-se sem a benção da mãe terra, pois a estão envenenando com suas químicas.

Cabisbaixo o índio pensa no tempo em que nada tinha dono, tudo era de todos.

As coisas eram coletivas, ninguém comprava ou vendia, tudo era dividido.

Preso as reflexões de um tempo que não volta mais, ele ouve vozes conhecidas, olha para trás e ver a esposa e os filhos que aproximam se dele.

Olha para filhos e sente a fraqueza de não poder dar á eles o sabor que a vida já lhe deu.

A esposa tornou-se mais linda com o passar dos anos.

Muito amor dedicado à família e ao povo.

Para os índios, a mulher é o coração da família, e como coração da família faz de tudo para mantê-los unidos.

Cada olhar do esposo rumo ao horizonte diz a ela que o coração do companheiro sofre por ver tanta destruição em seu hábitat.

Mais também sabe que aquele forte guerreiro espera o momento certo para despertar e empunhar a bandeira da liberdade.

E com todas as coisas más que o cercam ele pode contar com a família e os espíritos protetores.

Parte V

Adeus a Kuruamá pó

Mais agora o valente índio prisioneiro das ideias de homens cruéis vê seu povo sendo massacrado pelas doenças causadas pelos venenos dos garimpos, em nome de desejos, vaidades eles destroem vidas sem se importar com nada.

Os homens da cidade ouviram histórias sobre os tesouros nas terras Maraguá e vieram pegar para si a riqueza que o Deus do ouro deixou embaixo do solo.

Acabou o ouro mais ficaram os resultados impensáveis da ganância.

A terra onde nossos avós descansam é profanada sem piedade, e chora como uma criança que precisa de proteção.

Mas os povos indígenas continuam suas lutas, batendo os pés, dançando na chuva, esperando que chegue o dia do despertar de uma nova consciência.

No pensamento traz consigo as últimas palavras de Kuruamá o pajé que se foi na última lua indo morar na nascente do rio o lugar para onde vão as almas iluminadas, deixando como patrimônio um legado de sabedoria para aquele povo tradicional.

Em seu coração Waykãna sentia que as lições do velho sábio vão estar para sempre com o povo.

No último diálogo o velho sábio dizia:

- Nossas tradições ainda nos dão esperanças de que vale a pena viver, ainda é o que nos mantém de mãos dadas para que não se quebre o círculo de nossas vidas.

- Não permitiremos que esmaguem nossos ideais de um novo dia, onde cada ser plante uma árvore por que isso é viver o futuro, isso é gerar vidas.

- Acreditem na força que nos mantém unidos.

- Essa força que está presente em todas as coisas, em todos os lugares que palpita por todo o universo, que atua instantaneamente através do espaço ilimitado.

- Isso não pode ser outra coisa senão o próprio ser que nos criou e quão maravilhoso é sabermos que o criador está em nós e em tudo que existe.

- Temos que imitar o sol que diariamente se põe para dar oportunidades as estrelas e quando volta ilumina a todos sem distinção de cor ou raça.

Parte VI

Na aldeia muitos deixaram se dominar pelos enganos, indo para um lugar onde não tem nem sua própria liberdade.

Foram morar nas cidades das pedras de janelas gradeadas cidades das chaves de coisas quadradas com céu nublado das nuvens escuras de lua apagada, onde estrela não há!

Iludidos por errados anseios. Hoje tem como vizinhos sorrisos forçados, com medo de tudo, medo de estranhos, estranhos por quê?

Tem medo de seus inventos, são prisioneiros de suas próprias cadeias, almejam ser livres mais esquecem onde colocaram a liberdade, querem voar mais constroem gaiolas.

Na aldeia a vida continua lenta mais é assim que aprendemos a gente tem que ser como um rio ninguém diz como ele deve andar.

Ninguém apressa o rio.

Os homens mudam seu curso mais com isso causam inúmeras tragédias.

Nossa natureza tem um tempo certo não podemos apressá-la, devemos seguir o mesmo tempo dela.

O olho d'água continua lá para provar que o amor existe que devemos sonhar acordados, que a maior riqueza não é as posses que pegamos e sim o que de fato nos pertence.

Assim como a maior riqueza de Waykãna é ter sempre Yãny, e o maior tesouro é o olho d'água que todos os anos da à única coisa que tem, e divide a todos que tem sede.

Naquela noite Waikãna dormiu.

Dormiu, e sonhou com a simples magia da natureza, o cantar dos pássaros, o coaxar dos sapos. O sussurrar das folhas secas caídas ao chão.

E no seu íntimo sonhava com a terra, e com os meios de restaurar sua beleza.